

Sarney chama empresários de anarquistas

ECONOMIA - BRASIL -
Irritado com pregação da desobediência, presidente elogia paciência do trabalhador

O presidente José Sarney voltou a atacar o comportamento assumido pela classe empresarial com relação à sua política econômica. No programa "Conversa ao Pé do Rádio", divulgado ontem pela manhã, Sarney foi enfático. Taxou os empresários de aliados de Bakunin (Mikhail Bakunin, filósofo russo do século passado e ideólogo do anarquismo), ressaltando que os trabalhadores brasileiros, que agüentam índices de miséria absoluta, têm tido mais paciência com o Governo.

Ao frisar que o País passa por vários problemas o presidente indagou, "Qual o País que não tem problemas no mundo?". Em seguida, deu a sua resposta ao presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, que pregou o realinhamento de preços dos produtos sem a anuência do Governo, numa desobediência civil. "Para que se verifique o estado de exaltação a que chegou esse estado de espírito, basta ver que dirigentes empresariais, num momento que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil, a anarquia e passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é aliado do Bakunin".

Em seguida às suas críticas à classe empresarial, o presidente Sarney falou sobre os trabalhadores. "Eu acho que mais paciência têm tido os trabalhadores brasileiros, o povo pobre mais sofredor, que agüenta os índices de miséria absoluta, este sim que constitui o verdadeiro problema e a vergonha nacional". Demonstrando seu aborrecimento como resultado da incompreensão de alguns setores contrários a sua política econômica, o Presidente fez um desabafo. Disse que "em vez de sermos ajudados para resolver os problemas, o que vem são atropelos para dificultar as soluções".

Apesar dos problemas, o Presidente, mais uma vez alertou que cumprirá com o seu dever. "Estamos aqui para administrar problemas e conflitos, e os sabemos conduzir, com pa-

ciência, sem paixão, porque ninguém vai desestabilizar o Governo. Para isso, nós contamos com o apoio do povo brasileiro e das forças políticas que nos apoiam".

Fazendo uma projeção com relação ao ano de 87, o presidente Sarney garantiu que a sua política econômica irá manter o crescimento entre 5 e 7%, a taxa de emprego e o saldo de US\$ 10 bilhões na balança comercial. Disse também que irá continuar o processo de consolidação da democracia, fazendo uma Constituição que assegure os direitos sociais e as liberdades democráticas. "Manter em 1987 a prioridade pelos pobres e não recuar diante das pressões internas e das pressões externas".

Com referências aos gastos públicos, o presidente Sarney frisou que as despesas do Governo têm diminuído. Segundo ele, em 1985 os custos foram de 3,9% do Produto Interno Bruto, e, em 86, os gastos caíram para 2,5% do PIB. "A inflação, que em 85 foi de 235,11%, caiu em 86 para 22,8% pelo IPC. Cerca de 10 vezes menor do que no ano anterior. E o Índice Geral de Preços foi de 46,67%, incluindo janeiro e fevereiro, meses anteriores ao Plano Cruzado".

Defendendo-se das críticas de que seu Governo tem sido alvo nos últimos meses, Sarney foi categórico: "Não bastam os bons resultados para deter o pessimismo que tem sido espalhado e que alguns setores alardeiam desde o primeiro dia do meu mandato. Estas vozes, dia e noite, semeiam o desânimo e anunciam o desastre. Graças a Deus, o Brasil não vai conhecer esses desastres".

Ao finalizar o seu programa, o presidente Sarney fez questão de fazer um desmentido. Disse que o Governo jamais aventou a possibilidade de proibir práticas religiosas de umbanda e de outros cultos. "Quero dizer que essa decisão nunca existiu, não é verdadeira". A Constituição — lembrou o Presidente — respeita a liberdade de culto neste País.

